

## ***O MEU NOME É LEGIÃO: RUÍNAS DO IMPÉRIO ÀS MARGENS DE LISBOA***

Carlos Henrique Fonseca<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo traz alguns aspectos e perspectivas teóricas selecionados para a análise do romance *O meu nome é legião*, de António Lobo Antunes. Este romance parte do argumento inicial de um grupo de jovens infratores da periferia de Lisboa, que saem em veículos roubados a cometer crimes. A partir deste argumento inicial, o romance passa a focalizar histórias de abandono, incomunicabilidade, solidão e violência de várias personagens que guardam algum tipo de relação com os menores envolvidos com a criminalidade. Esta “legião” personifica a decadência social e econômica resultante da longa e problemática relação de Portugal com suas ex-colônias. Dentre as estratégias narrativas do autor, destaca-se a intertextualidade estabelecida com outras obras canônicas da literatura portuguesa: *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado e *Esteiros* (1941), de Soeiro Pereira Gomes. Estes três romances compartilham de uma mesma categoria narrativa: o espaço intermedial, das praias e das zonas portuárias, reconhecidos aqui como um *lugar* transitório em que a visão do mar apresenta sentidos ambivalentes.

**Palavras-chave:** António Lobo Antunes. Marginalidade. Violência.

## ***O MEU NOME É LEGIÃO: RUINAS DEL IMPERIO A LOS MARGENES DE LISBOA***

**Resumo:** Este artículo presenta algunos aspectos y perspectivas teóricas seleccionadas para el análisis de la novela *Meu nome é legião* (2007), de António Lobo Antunes. Esta novela se basa en el argumento inicial de un grupo de jóvenes delincuentes de las afueras de Lisboa, que salen en vehículos robados que cometen delitos. A partir de este argumento inicial, la novela se centra en historias de abandono, incomunicabilidad, soledad y violencia de varios personajes que tienen algún tipo de relación con menores involucrados en delitos. Esta "legión" personifica la decadencia social y económica resultante de la larga y problemática relación de Portugal con sus antiguas colonias. Entre las estrategias narrativas del autor, destaca la intertextualidad establecida con otras obras canónicas de la literatura portuguesa: *Capitães da Areia* (1937) de Jorge Amado y *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes (1941). Estas tres novelas comparten la misma categoría narrativa: el espacio intermedio, las playas y las áreas portuarias, reconocidas aquí como un lugar transitorio donde la vista al mar presenta significados ambivalentes.

**Palavras clave:** António Lobo Antunes. Marginalidade. Violencia.

## ***O MEU NOME É LEGIÃO: RUINS OF THE EMPIRE TO THE MARGINS OF LISBON***

**Abstract:** This article presents some aspects and theoretical perspectives selected for the analysis of the novel *Meu nome é legião* (2007), by António Lobo Antunes. This novel is based on the initial argument of a group of young offenders from the outskirts of Lisbon, who get out in stolen vehicles committing crimes. From this initial argument, the novel focuses on stories of abandonment, incommunicability, loneliness and violence of various

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/SP. E-mail: [lie.santos91@gmail.com](mailto:lie.santos91@gmail.com) ou [karloshfonseca@gmail.com](mailto:karloshfonseca@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8186-5406>

characters who have some kind of relationship with the youngsters involved with crime. This “legion” personifies the social and economic decay resulting from Portugal's long and problematic relationship with its former colonies. Among the author's narrative strategies, the intertextuality established with other canonical works of Portuguese literature stands out: Jorge Amado's *Capitães da Areia* (1937) and Soeiro Pereira Gome's *Esteiros* (1941). These three novels share the same narrative category: the intermediate space, the beaches and the port areas, recognized here as a transitory place where the sea view presents ambivalent meanings.

**Keywords:** António Lobo Antunes. Marginality. Violence.

*É necessário que nós, europeus, nos descolonizemos, isto é, extirpemos, por meio de uma operação sangrenta, o colono que há em cada um de nós. Examinemo-nos, se tivermos coragem, e vejamos o que se passa conosco.*

(SARTRE, 1979, p.16 - Prefácio de *Os condenados da Terra*, de Frantz Fanon).

O romance *O Meu nome é legião*, de 2007, do escritor português António Lobo Antunes, tem por argumento central a história de oito suspeitos, de doze a dezenove anos, que saem do Bairro 1º de maio a cometer crimes. A partir deste argumento, desenvolve-se um profundo exame da condição humana nos tempos coevos, revelando situações de abandono, incomunicabilidade, discriminação racial e violência. Esta obra traz, numa das produções mais desafiadoras do autor, uma “legião” que personifica uma decadência social em todos os sentidos oposta a qualquer “esplendor” como o que canta o hino nacional português. Neste sentido, cabe lembrar o título de outro romance de António Lobo Antunes, *O Esplendor de Portugal*, de 1997 que, segundo Seixo (2002), refere-se, na verdade, à grande tragédia imposta por Portugal às suas colônias em África, e da qual, em *O meu nome é legião* pode-se ver a herança do império espalhada nas regiões periféricas de Lisboa.

O próprio título já anuncia a pluralidade dos envolvidos nesta condição de “demónios”, à qual estão submetidos os habitantes marginalizados de Lisboa, extensiva também a outras tantas periferias, geográficas, simbólicas e sociais, herdeiras da exploração colonial que remonta a outras gerações, como neste trecho do romance: “são outras vozes que oiço, finados de antes do meu nascimento num português de pretos porque somos pretos e não temos um lugar que nos aceite salvo figueiras bravas e espinhos [...]”. (ANTUNES, 2007, p. 173).

Seguindo-se com a apresentação do romance, repetimos aqui as palavras do próprio autor:

O livro refere-se a um bairro em concreto, embora eu nunca lá tenha estado. Sempre me impressionou o facto de aqueles miúdos não terem raízes de espécie alguma. Não são portugueses, não são africanos, não são nada. Brincam com balas em vez de brincarem com bolas. [...] Na minha ideia, *O Meu Nome É Legião* era por isso um livro de amor. De amor por uma geração, por uma classe social sozinha e abandonada, por um grupo de pessoas desesperadamente à procura de uma razão de existir. [...] Estão de tal maneira abandonados que matar pessoas é a única maneira que têm de pedir colo. [...] Aquilo não é sequer um subúrbio. Para mim, o subúrbio é Benfica ou o Cacém. Aquilo é muito pior do que isso. Aquilo é o inferno [...] *Sempre me comoveu ver o desamparo em que as pessoas vivem. Acho que esta dimensão nunca foi suficientemente notada nos meus livros. Vivemos num certo desamparo, numa certa desprotecção.* (LUIS, 2008, p. 566-567, grifos nossos).

O motivo literário de um grupo de crianças ou jovens sobrevivendo de modo perigoso, insalubre e hostil, advindo de transformações sociais intensas associadas à ascensão de um cruel sistema capitalista, encontra, nas literaturas de língua portuguesa, uma significativa linhagem, sendo possível, inclusive, a constatação de alguns diálogos intertextuais estabelecidos por António Lobo Antunes com outras obras canónicas sobre este tema. Dessa forma, a intertextualidade como recurso narrativo, apesar de já bastante presente em obras precedentes do autor, será o nosso ponto de partida na presente análise. Segundo Kristeva (1974, p. 64), “[...] todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

Na história da literatura portuguesa, mais especificamente no movimento literário do neo-realismo<sup>2</sup>, o romance *Esteiros* (1941), de Soeiro Pereira Gomes, trazia a triste realidade de crianças cuja simples sobrevivência significava uma aventura deveras comovente. Seguindo por este caminho, se já naqueles anos, conforme afirma Fernando Mendonça (1966), havia um suposto “realismo lírico” resultante da influência de autores brasileiros, no caso do presente estudo, não podemos ignorar a dimensão intertextual

---

<sup>2</sup> “O Neo-realismo, enquanto movimento literário, nasceu do desejo sentido por certas camadas lutadoras e conscientes da juventude de criar uma literatura que respondesse aos grandes anseios de justiça social da humanidade em geral e aos apelos mais prementes do homem comum, uma literatura que se afastasse do individualismo e do esteticismo exagerados a que levava a ‘arte pela arte’, completamente alheada dos problemas sociais, apregoada e praticada entre nós, ao longo dos anos 20. 30 e 40, pelo grupo da revista *Presença*, uma literatura que retomasse a tradição realista e naturalista dos fins do século XIX, procurando todavia ultrapassar, pelo recurso a novas correntes de pensamento filosófico, o esteticismo que a caracterizava.” (Introdução de Isabel Pires de Lima para a obra *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes. Lisboa: Edições Avante! 4ª edição, 1979, p. 3).

estabelecida, por exemplo, com *Capitães da areia*, de Jorge Amado. Tanto o romance de Jorge Amado quanto *O Meu nome é legião*, tem, em seu início, o depoimento policial como gênero textual. Se, contudo, na obra do escritor baiano estes gêneros apresentam-se enquanto paratexto, na de Lobo Antunes, além de parecer uma efetiva emulação do romance brasileiro, funciona no sentido de apresentar a realidade solitária do primeiro narrador.

O diálogo temático e estrutural que se estabelece entre os romances elencados acima, efetiva-se de várias formas, como pretendemos mostrar neste artigo. Dentre os aspectos estruturais da narrativa, o primeiro elemento digno de consideração é a categoria do espaço. Nos três romances, encontramos um espaço intermedial, reservado à marginalidade social e relacionado ao encontro entre terra e mar. Se essas regiões, os esteiros, as zonas portuárias, as praias, constituem, como afirmamos acima, um espaço, difícil se torna reconhecê-los como um *lugar* de pertencimento. Este espaço, marcado pela marginalidade, impermanência e transitoriedade, carrega sempre também uma possibilidade de evasão.

No desenvolvimento da narrativa, como dito anteriormente, o argumento dos menores infratores abre espaço para outros caminhos. O tema dos menores infratores do romance *Meu nome é legião*, que tão fortemente resume a realidade de decadência social da Lisboa pós-colonial, acaba por ceder espaço ao sofrimento particular de Gusmão, personagem que resume uma condição de redundância social e de solidão, corroborando assim as palavras de Michel Zérafra (1974, p. 41): “é sempre o individual que toma e dá a medida do social no romance”. Policial em fim de carreira, carregado de traumas e manias compulsivas que parecem amenizar sua solidão, Gusmão revela uma posição conservadora, egoísta e preconceituosa, que se evidencia já na descrição do bairro:

[...] Bairro 1º de Maio situado na região noroeste da capital e conhecido pela sua degradação física e inerentes problemas raciais isto é um pudim de edifícios de matérias não nobres, fragmentos de andaime, restos de alumínio, canas e habitado por gente de Angola, criaturas mestiças ou negras e portanto propensas por natureza à crueldade e à violência o que leva o signatário a questionar-se de novo preocupado à margem do presente relatório sobre a justeza da política de imigração [...] (ANTUNES, 2007, p. 30).

A desqualificação que compõe, de fato, toda a ambientação do romance não se verifica apenas na forma como este narrador vê a realidade social que se lhe apresenta, mas também na imagem que tem de si, como no excerto: “[...] perdoem-me se exagero,

mas visita-me a suspeita de existir qualquer coisa em mim, no aspecto, na maneira de exprimir-me, no cheiro, que afasta as pessoas, o meu chefe para não ir mais longe nunca me estendeu a mão”. (ANTUNES, 2007, p. 30).

No complexo mosaico narrativo deste romance, os demais narradores vão também compartilhar deste sentimento de desqualificação e desesperança da personagem Gusmão, a quem aqui nos restringimos. Ao longo do romance, contudo, as personagens têm reveladas suas ligações entre si e com os meninos infratores que, como dissemos, compõem o argumento central da narrativa.

O fluxo de consciência, e o monólogo interior, recursos narrativos bastante presentes na obra do autor, ganham, neste romance, a aparência de uma enunciação insegura, em que a escrita tem expostos os seus processos, em que o escritor (ou a personagem?) deixa evidentes suas dúvidas, anseios, medos e esclarecimentos, através de recursos como a inserção de comentários entre parênteses, que quase geram uma narrativa de segunda ordem:

há momentos que me apetece falar com ela e não falo, em que minha filha um passo e arrepende-se, ia escrever que as pálpebras vermelhas e engano meu. [...] a designar pinheiros bravos, amoras ou o que se assemelhava àquela hora a pinheiros bravos e amoras ou o que quiserem chamar-lhes, se dependesse de mim e não depende de mim (o que depende de mim?). (ANTUNES, 2007, p. 49).

Esta qualidade que ora chamamos de uma enunciação aparentemente insegura, converge com uma realidade caracterizada por incertezas e ambivalências, conforme escreve Zygmunt Bauman (1998). António Lobo Antunes testemunha seu tempo não só pelos temas presentes em sua literatura, mas também mediante suas estratégias romanescas, ratificando, destarte, as palavras de Zérafra (1974, p. 64):

A tarefa do romancista foi preparada, por um lado, por um dado conjunto de relações sociais concretas e, por outro, por determinado estatuto ideológico que cobre essas relações. [...] Uma estrutura romanescas, nos seus aspectos mais nitidamente estéticos, tem como primeiro autor o complexo histórico, social, psicológico, ideológico, de que o escritor é testemunha. O escritor não instaura uma forma, revela-a.

Portanto, se nos escritores do neo-realismo português, de acordo com Fernando Mendonça (1966, p.105), “não há o menor adorno ou enriquecimento no estilo para fazer sobressair a cruel realidade do conteúdo”, vemos que em *O Meu nome é Legião*, a

realidade articula-se com a forma romanesca em que qualidades como polifonia, fragmentação, metalinguagem, metaficção historiográfica e necessidade de decifração se combinam numa produção literária crescentemente desafiadora, como um *puzzle*, que, contudo, não despreza sua relação com a realidade circundante. Destarte, pode-se concordar que a escrita de António Lobo Antunes:

“em alguns casos, intensifica, [...] em número e em variedade as dimensões entrópicas desta arte de escrever, sem porém, sublinharmos, perder os laços a uma certa realidade que se pretende ver reproduzida no romance. Esta, contudo, torna-se mais flutuante, porque dada de forma menos e menos linear, passando, muitas vezes, a ter que ser adivinhada, investigada pelo leitor. O jogo torna-se, então, mais jogo, obrigando a aumentar as apostas: do autor e de quem o lê. (ARNAUT, 2019, p. 22)

Verifica-se também neste “jogo” uma intensificação no uso de elipses que percorre, do plano ortográfico, com um uso raro e irregular de pontuações, indicadores de transição entre discurso direto e indireto, ou uso de maiúsculas, passando pelo plano frasal, onde frases são interrompidas subitamente, trazendo forte efeito de oralidade, e alcançando o plano discursivo. O resultado é a necessidade de atender a uma dinâmica específica de leitura, com uma significativa participação do leitor no sentido de reordenar a diegese a partir desta construção elíptica, fragmentária e polifônica, levada ao paroxismo nos romances mais recentes de António Lobo Antunes. Como no excerto a seguir:

(custa a admitir, mas esqueceu-me, a minha cunhada por exemplo não tornou a chamar-me)  
foi andando no sentido do miradouro onde não o rio, o castelo  
(aproveito para informar que a minha lembrança do castelo, são ruínas e pavões a guincharem)  
e perdi-a, terá sido ela quem  
- Sou eu  
em lugar da boca que hesitava  
- O que faço?  
e o  
- O que faço?  
a hesitar também, julgo que o galego  
(para quê aldrabar, tenho certeza)  
que o galego e o sócio no passeio onde a claridade não chega a rondarem a casa, não se atrevem a subir as escadas contaste da gente à Polícia não contaste da gente à Polícia, a mão do sócio na algibeira  
(ANTUNES, 2007, p. 262).

António Lobo Antunes coloca em funcionamento diversos elementos e recursos de escrita, não só sintonizados com uma estética pós-modernista, mas que podem ser

analisados à luz de um novo conceito: o hipercontemporâneo. Sob esta perspectiva, nesta produção romanesca predominam “a fragmentação do discurso, a pluralidade de vozes, a hibridez genérica, que dificulta as classificações, ou a utilização da metaficção constroem uma fronteira ténue entre o eco do real e o fruto do imaginário”. (BINET; ARNAUT, 2019, p. 13-14).

A fim de situar o romance nos termos do hipercontemporâneo, cabe ressaltar que vicejam nestes romances, “a violência, a miséria moral e social, numa viagem através de um processo de desumanização, por vezes labiríntico, que nos permite pensar num Neo-naturalismo construído de modo original na literatura hipercontemporânea”. (BINET; ARNAUT, 2019, p. 12). Intensifica-se uma “interpenetração de modos discursivos, tornando difícil ou mesmo irrelevante qualquer destrição modal rígida” (REIS, 2003, p. 20). Índícios do supramencionado Neo-naturalismo são encontrados já na descrição dos jovens infratores, de idades entre 12 e 19 anos, apresentados num gênero textual que parodia um boletim de ocorrência policial. Estes jovens são assim descritos pelo policial responsável:

o chamado Capitão de 16 (dezasseis) anos, mestiço, o chamado Miúdo de 12 (doze) anos, o chamado Ruço de 19 (dezanove) anos branco e o chamado Galã de 14 (catorze) anos mestiço [...], o chamado Guerrilheiro de 17 (dezassete) anos mestiço, o chamado Cão de 15 (quinze) anos mestiço, assim apelidado em consequência de uma má formação no rosto (lábio leporino) [...] salientando-se a importância do chamado Ruço ser o único caucasiano (raça branca em linguagem técnica) e todos os companheiros semi-africanos e num dos casos negro e portanto mais propensos à crueldade e violência gratuitas [...]. (ANTUNES, 2007, p. 14).

Vê-se, na citação acima, o forte determinismo biológico, tão característico do romance naturalista, impregnando o texto, escrito numa nítida paródia de um relatório policial. O teor discriminatório e estigmatizante apresentam, portanto, os primeiros marginais deste romance. O deslize modal do discurso narrativo ocorre quando, em meio a escrita, em “um documento oficial e em papel do Estado” (ANTUNES, 2007, p. 15), o narrador, ao falar de si e de sua relação com a filha, muda subitamente o sentido do texto, em sua primeira incursão poética, tipicamente loboantuniana, em que novamente se constata a quebra de fronteiras entre narrador e autor, bem como de gênero textual, que verificar-se-á ao longo de todo o romance:

no caso de me autorizarem uma nota íntima que as estações de serviço à noite iluminadas na beira do caminho me fazem sentir menos ditoso e só quando



regresso de Ermesinde aos domingos da visita mensal à minha filha, o mundo com suas árvores confusas e as suas povoações logo perdidas cujo nome desconheço me surge demasiado grande para conseguir entendê-lo e as bombas de gasolinas próximas, nítidas, ia escrever cúmplices mas retive-me a tempo me garantem que apesar de tudo possui um lugar ainda que ínfimo no concerto do universo, alguém talvez me espere tomara descobrir em que sítio com a chávana de um sorriso numa toalha amiga [...] (ANTUNES, 2007, p. 15).

Na estruturação da narrativa, o recurso inicial de parodiar um estilo textual não pertencente, num primeiro momento, ao universo ficcional, abre espaço para que tenha voz uma subjetividade tipicamente afetada pela solidão. Esse contraste, em que um discurso inicialmente distanciado e burocratizado é invadido por outro em que predominam as dores mais íntimas e uma inexorável necessidade poética, são condizentes com a ironia constitutiva da escrita loboantuniana.

A estratégia literária da intertextualidade não se restringe, neste romance, aos gêneros textuais. Neste sentido, *O Meu nome é legião*, além dos romances já citados, ao tratar da condição de marginalidade vivida por crianças e adolescentes, insere-se num lugar específico entre as obras literárias de língua portuguesa, da qual faz parte também o romance *Cidade de Deus* (2002), de Paulo Lins, no contexto brasileiro. Todos estes romances, a despeito das diferenças discursivas, estilísticas e de escolas literárias às quais estejam direta ou indiretamente vinculados, têm o mérito de fornecer registros ficcionalizados, de diferentes tempos históricos e espaços geográficos da exclusão social. Cronotopos protagonizados por jovens que vivem à margem da sociedade, construindo formas de sociabilidade alternativas, marcadas por precariedade e violência, e carregando, cada um a seu modo uma tônica denunciatória.

A questão onomástica, também em profunda conexão com as características físicas das personagens, é já um ponto a ser destacado na relação entre o romance de Lobo Antunes e o de Jorge Amado: o nome atribuído ao primeiro mestiço de *Meu nome é legião* é Capitão; enquanto temos o Gato, personagem galã de *Capitães da areia*, temos o Galã, em *Meu nome é legião*; o adolescente chamado Loiro, no romance de Jorge Amado, pode ser associado ao Ruço, do romance de Lobo Antunes. Estas semelhanças, especialmente se considerarmos o protagonismo coletivo dos grupos de personagens de cada romance, sugere um nítido trabalho de emulação intertextual. Além disso, a própria utilização de um discurso de cunho policial resulta numa referência direta a *Capitães da areia*, uma vez que, na condição de paratextos, as chamadas “Cartas à redação”, escritas, por exemplo, por um secretário do chefe de polícia, por um juiz de menores e mesmo por



um padre, colocam diferentes posições sociais a discutirem a questão dos menores, tidos como um “bando de crianças delinquentes” (AMADO, 1937, p. 8). e, seja como defesa, seja como ataque, acabam por ratificar o discurso que os define como pertencentes à condição de *vagabundos*, compartilhada pelas personagens do romance de Lobo Antunes e também, pelos meninos do romance neo-realista de Soeiro Pereira Gomes.

Esteiros são braços de mar que entram terra a dentro, produzindo uma região caracterizada por “um lodaçal negro” (GOMES, 1979, p. 13) que fornece matéria prima para a produção de telhas e tijolos. A epígrafe deste romance apresenta, de modo sintético e poético a definição do autor: “Esteiros. Minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na *margem* do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais, que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama, que só o rio afaga” (GOMES, 1979, p. 9 grifo nosso). Igualmente importante para o presente estudo, é a dedicatória que precede esta epígrafe: “para os filhos dos homens que nunca foram meninos escrevi este livro” (GOMES, 1979, p. 7).

De forte inspiração marxista, o romance de Soeiro Pereira Gomes conta a história de um grupo de garotos que divide seu tempo entre aventuras, sonhos e o trabalho precoce nos telhais. Gaitinhas, Gineto e Sagui são os nomes de destaque neste grupo de jovens marginalizados socialmente e explorados numa ordem econômica absolutamente desigual. Numa estrutura temporal sazonal, que divide o romance em quatro partes, o outono inicia a narrativa com o fechamento dos telhais e o início das feiras e festas, cenário das inúmeras peripécias das crianças. Neste sentido, Esteiros pode ser tido como o romance que estreia, no contexto português, o motivo literário da marginalidade juvenil a que pertence também o romance de António Lobo Antunes ora estudado. O próprio espaço predominante da narrativa, os esteiros, constitui um lugar intermédio e instável, à mercê das mares, onde a precariedade e instabilidade marcam uma humilhante situação de trabalho infantil em que crianças também são precocemente submetidas à condição de *vagabundos*, de errantes tentando viver por entre as brechas das estruturas sociais, ocupando espaços, mas sem possuírem um lugar. Sobre esta distinção, afirma Michel de Certeau (2005, p. 201-202):

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se toam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo

animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. [...] Diversamente do lugar, não tem portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”.

Os crimes cometidos pelos jovens oriundos do bairro 1º de maio, do romance *Meu nome é legião* corroboram esta diferenciação conceitual. O relato policial, destacando detalhadamente os minutos do deslocamento e dos crimes cometidos pelos jovens em duas furgonetas roubadas, ratifica a dimensão da errância e da *vagabundagem* que os caracteriza. Pode-se afirmar que também os menores de *Capitães da areia*, de Jorge Amado e de *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, em diferentes tempos e espaços, encontram-se nesta dimensão da errância de que fala Michel Mafesolli (2001). Eles se encontram neste *não-lugar*, que recusa a ordem da funcionalidade e da produção. São localizados “contrariamente ao que prevaleceu na economia de si e do mundo, próprias do individualismo burguês” (MAFESOLLI, 2001, p. 32). Para o olhar ligado aos valores burgueses, como se pode ler de modo implícito ou explícito nos romances apontados acima, eles são personagens “fora de si” (MAFESOLLI, 2001, p. 32). Os vagabundos, nesta perspectiva, enquanto seres “fora de si”, retomam uma relação de contiguidade com a noção de descontrole social, que temos estudado desde o primeiro romance do presente *corpus*, em relação à loucura. As personagens de *O Meu nome é legião* são, na quase totalidade, os *vagabundos* pós-modernos, no sentido que Zygmunt Bauman atribui ao termo, e um aspecto das “vagabundagens pós-modernas” do nomadismo, de Michel mafesolli. São necessárias, a princípio, algumas linhas no sentido de esclarecer o uso de Bauman faz deste conceito.

Numa conferência proferida em 1995, na Universidade de Virgínia, o sociólogo polonês propôs, a partir de uma nítida inspiração weberiana, dois “tipos ideais” capazes de auxiliar a compreensão da sociedade contemporânea mediante a dimensão episódica com que se desenham experiências e relações. Estes tipos, segundo Bauman (1998, p.118), “as metáforas da vida contemporânea”, são o *turista* e o *vagabundo*. Enquanto tipos ideias, constituem modelos de compreensão social, relacionados, neste caso, à liberdade de escolha num mundo em que os deslocamentos e a impermanência são paradigmas hegemônicos. Assim, “Os vagabundos são os restos do mundo que se dedicaram aos serviços dos turistas” (BAUMAN, 1998, p. 117), e, segundo esta proposição, estaríamos “todos traçados num contínuo estendido entre os polos do ‘turista perfeito’ e do ‘vagabundo incurável’”. (BAUMAN, 1998, p. 118). Sobre estes, os

supramencionados “restos do mundo”, a violência que antes mencionamos como próprias do hipercontemporâneo, pulsa no seguinte trecho:

deixámos o Bairro aos polícias, aos corvos e aos pombos para que o dividissem entre si conforme as velhas dividiam intestinos de cabrito só que não havia velhas nem cabritos, havia agentes a vasculharem sombras e o que sobrava eram criaturas doentes, não criaturas, mestiços, doentes sem utilidade nenhuma, apertem a goela dos mestiços e dos frangos nos lugares onde moram, puxem-lhes as penas, metam-nos numa caçarola, experimentem com o garfo e comam, acabando de comer derramem petróleo nas cabanas, peguem num fósforo (como em África não era, exactamente como em África) e o Bairro tão negro quanto os mestiços, fantasmas de empenas, carvões (ANTUNES, 2007, p.153).

Existe, como se vê, na obra de António Lobo Antunes, uma grande complexidade discursiva, que transcende até mesmo os limites do romance polifônico. As subjetividades inter-relacionadas fazem emergir um desenho social marcado pela desigualdade, pela intolerância, pela discriminação racial e social. A paisagem social litorânea, extensiva às grandes cidades, se mostra mesclada pelas cores do turista e do vagabundo. Diferencia-os a possibilidade e a condição de escolha, e o fato de possuírem ou não um lugar, físico ou simbólico. Segundo Norbert Elias (1994, p. 49): “Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhes é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica em que ele vive e age”.

Há que se considerar, de fato, uma “constelação histórica” em que habitam as personagens do romance de António Lobo Antunes. Essa constelação herda as tensões também historicamente geradas pela relação entre a metrópole e suas colônias. Uma outra constelação, advinda do encontro entre as personagens dos romances ora mencionados, desnuda uma realidade social excludente. Em contraponto a esta complexidade, pode-se ler a síntese da herança histórica na interrogação, não sinalizada graficamente e entre parênteses de um dos narradores: “(por que me dói o mar)” (ANTUNES, 2007, p 166). Várias poderiam ser as respostas. Através das personagens, entendemos que nesta dor residem a saudade dos imigrantes, vindos das ex-colônias em África, bem como a dor da culpa e da frustração da exploração colonial, por parte do colonizador e, principalmente, dos marginalizados, destituídos de um lugar, conforme os que habitam as páginas de *O meu nome é legião*.

## Referências:

AMADO, J. **Capitães da areia**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANTUNES, A. L. **Meu nome é legião** (edição *ne varietur*) 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007a.

\_\_\_\_\_. **O esplendor de Portugal** (edição *ne varietur*). 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007b.

ARNAUT, A. P. Do post-modernismo ao hipercontemporâneo: morfologia(s) do romance e (re)figurações da personagem. **Revista de Estudos Literários** 8, 2018, pp 19-44. Disponível em : <https://impactum-journals.uc.pt/rel/issue/view/352?fbclid> Acesso em: 10 jan. 2019.

BAUMAM, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

BINET, A. M.; ARNAUT, A. P. Introdução. **Revista de Estudos Literários** 8, 2018, pp 19-44. Disponível em : <https://impactum-journals.uc.pt/rel/issue/view/352?fbclid> Acesso em: 10 jan. 2019.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer (tradução de Ephrain Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

GOMES, S. P. **Esteiros**. 4.ed. Lisboa: Edições Avante!, 1979.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LINS, P. **Cidade de Deus**. 2ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

LUIS, S. B. “Estou aqui diante de vós, nu e desfigurado”. IN. ARNAUT, Ana Paula. (Org.) **Entrevistas com António Lobo Antunes (1979-2007)**: Confissões do trapeiro. Coimbra: Almedina, 2008, p. 565-575.

MAFESOLLI, M. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MENDONÇA, F. **O romance português contemporâneo**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1966.

SEIXO, M.A. **Os romances de António Lobo Antunes**: análise, interpretação, resumo e guiões de leitura. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

ZÉRAFFA, M. **Romance e sociedade**. (tradução de Ana Maria Campos). Lisboa: Estúdios Cor, 1974.

**Submetido em outubro de 2019.  
Aprovado em dezembro de 2019.**